

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES - EFPH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

CASSIO DE CASTRO MATOS

**A PRESENÇA DE JUDEUS E DE CRISTÃOS NOVOS NO BRASIL HOLANDÊS
DE MAURÍCIO DE NASSAU – 1637 - 1644**

GOIÂNIA

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES - EFPH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CASSIO DE CASTRO MATOS

A PRESENÇA DE JUDEUS E DE CRISTÃOS NOVOS NO BRASIL HOLANDÊS
DE MAURÍCIO DE NASSAU – 1637 - 1644

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção da graduação em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva.

GOIÂNIA

2021

CASSIO DE CASTRO MATOS

**A PRESENÇA DE JUDEUS E DE CRISTÃOS NOVOS NO BRASIL HOLANDÊS
DE MAURÍCIO DE NASSAU – 1637 - 1644**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção da graduação em Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Examinador:

Dr. Antônio César Caldas Pinheiro

Examinador:

Me. Antônio Luiz de Souza

Orientadora:

Ma. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva

GOIÂNIA

2021

AGRADECIMENTOS

Quatro anos se passaram desde que iniciei o curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, instituição essa que faz parte da minha vida já tem um tempo, meu amado tio Luciano que já não está mais entre nós se formou na ainda Universidade Católica de Goiás (UCG) em enfermagem, quando ele apresentou sua monografia na área IV; eu estava lá, mesmo sem entender muito bem o que estava acontecendo direito já que eu era só uma criança.

Meu tio sempre foi um grande exemplo na minha vida, amava a ciência a enfermagem, amava a minha mãe que o acolheu como um filho quando ele veio estudar em Goiânia, sempre muito estudioso, trabalhava, estudava, era sempre o primeiro da turma; quando apresentou seu trabalho de conclusão de curso feito em dupla com a sua amiga Divina, eu estava lá auditório da área IV, com a mãe e meu irmão mais velho, foram muitos elogios ao trabalho, vários elogios à dupla, enfim foi um dia muito feliz, motivo de orgulho para toda família

No Ensino Médio descobri durante uma conversa informal com a minha então professora de História Maria Lima, que eu admirava muito como profissional, também tinha se formado na mesma instituição que meu tio, a antiga UCG, hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Esta professora me inspirou a seguir a carreira de professor de História e Historiador, eu digo inspirou já que o amor por essa matéria eu adquiri ainda no Ensino Fundamental, quando tive o contato com um livro didático de História que trazia belíssimas imagens, entre elas, uma da chegada de Cabral na América Portuguesa.

Em 2017 fiz o vestibular, fui aprovado e entrei no curso de História da PUC (GO) e desde então eu nunca mais fui o mesmo, no bom sentido, claro e, depois dessa breve contextualização (coisa de historiador), começo de fato a fazer meus agradecimentos.

Quero em primeiro lugar agradecer ao meu pai Pedro e a minha mãe Liliana que me apoiaram nessa jornada de quatro anos, e que me deram a vida. Gostaria de fazer um agradecimento especial para a minha mãe, mulher guerreira e honrada que sempre pensou nos filhos e lutou para nos dar o melhor desse mundo, o que me leva direto para o meu irmão mais velho, que hoje é meu amigo e parceiro de todas as horas: obrigado família, amo vocês.

Agradeço aos meu tio Cesário Junior, que sempre está presente na minha vida e da minha família, ao meu tio Ulisses, aos meus primos: Bethânia, Gabriel, Eduardo, Ulisses Junior e Miguel, pelas conversas, pela paciência e amizade, a minha “tia” Marileide pessoa querida. Agradeço também a todos os meus parentes que de alguma forma me apoiaram nessa jornada e na vida, e que já que não estão mais entre nós e fazem muita falta, como meu avô Cesário, minha avó Benedita (conhecida como Neuza), pais da minha mãe, meu avô Pedro, minha avó Carlinda, pais do meu pai, meu tio Luciano que já foi mencionado, minha tia Adriana, e minha prima Nicole que faleceu recentemente aos 18 anos, meu tio Ademar, meu tio Tubal, um grande obrigado a todos vocês. Até breve!

Quero agradecer também a minha orientadora de monografia e iniciação científica Simone Schmaltz, que também foi minha professora de América Portuguesa e de Estágio I, uma profissional dedicada, pontual e preocupada com os alunos, em resumo uma professora nota 10 e um ser humano incrível! Quero agradecer também a todos os professores e as professoras do curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás pelo seu trabalho de excelência.

Quero fazer um agradecimento especial a dois professores do curso de História. Primeiro ao professor Antônio Luiz, que com sua inteligência e humildade me cativou enquanto aluno, agradeço a paciência e por compartilhar sua inteligência de forma tão humana. Em segundo lugar, mas não menos importante, ao professor Ivan Vieira Neto que está coordenador do curso, agradeço pelas caronas de volta pra casa, pelos cafés e chás e lanches na coordenação, pelas conversas e pela paciência, o curso de História tem sua marca que é a excelência e compromisso com a qualidade acadêmica, muito obrigado aos dois!

Minhas amigas Jaqueline, Débora, Ana Lina, Nathalya, Natalle e Dandara, obrigado pelo carinho, pelas conversas, pelos abraços, pela companhia durante os momentos de alegrias e tristezas também, aos meus amigos e veteranos Joseph, Raul e Lucas que me abraçaram me guiaram no início do curso. A vida sem amigos e amigas é impossível, obrigado por tudo, amo vocês.

RESUMO

A perseguição dos reis católicos aos judeus sefarditas da Península Ibérica, provocou o que os historiadores denominaram de Diáspora judaica da modernidade, empurrando assim os judeus que se recusaram a conversão forçada ao cristianismo para fora de suas terras. Em busca de poder praticar sua fé sem perseguição os judeus imigraram para reinos na Europa que tivessem mais tolerância religiosa para poderem praticar o judaísmo sem a perseguição inquisitorial. Os judeus que ficaram na Península Ibérica e foram convertidos ao cristianismo passaram a ser chamados de cristãos novos, mas a perseguição inquisitorial em Portugal fez com que muitos migrassem para outras terras. Este trabalho traz informações sobre alguns judeus e cristãos novos que desembarcaram na América Portuguesa em busca tolerância e ajudaram na construção da América Portuguesa, durante parte do século XVII, na região do Nordeste, no período em que esta parte a colônia portuguesa na América foi ocupada pelos holandeses, sob a liderança do neerlandês Maurício de Nassau.

Palavras-chave: Judeus, Cristãos Novos, Mauricio de Nassau, América Holandesa

ABSTRACT: The persecution by Catholic kings of Sephardic Jews in the Iberian Peninsula provoked what historians have termed the Jewish Diaspora of modernity, thus pushing Jews who refused forced conversion to Christianity out of their lands. Seeking to be able to practice their faith without persecution, Jews immigrated to kingdoms in Europe that had more religious tolerance so that they could practice Judaism without inquisitorial persecution. The Jews who stayed in the Iberian Peninsula and were converted to Christianity started to be called new Christians, but the inquisitorial persecution in Portugal caused many to migrate to other lands. This work provides information about some Jews and new Christians who landed in Portuguese America in search of tolerance and helped in the construction of Portuguese America, during part of the 17th century, in the Northeast region, during the period in which this part of the Portuguese colony in America was occupied. by the Dutch, under the leadership of Dutchman Maurício de Nassau.

Keyword: Jews, New Christians, Mauricio de Nassau, Dutch America

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – O CONTEXTO DE JUDEUS E CRISTÃOS NOVOS E SUAS TRAJETÓRIAS ATÉ A AMÉRICA PORTUGUESA	09
1.1 A Companhia das Índias Ocidentais e a produção da cana de açúcar na América Portuguesa	16
1.2 Maurício de Nassau e a América Holandesa	19
CAPÍTULO 2 – Os judeus e os cristãos-novos na América Holandesa	21
2.1 Nassau e a tolerância religiosa no Nordeste da colônia.....	21
2.2 A participação de judeus e cristãos novos na construção da América Holandesa	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	36

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo pesquisar e discutir a presença de judeus e cristãos novos sefarditas na América Portuguesa durante o governo de Mauricio de Nassau no século XVII, e, para tanto, é necessário compreender como se inicia esse processo. Para isso será apresentada uma breve trajetória dos judeus sefarditas¹ em busca de tolerância, movimento denominado de Diáspora judaica da modernidade, que aconteceu de acordo com Vainfas no final do século XV, se inicia com a perseguição religiosa que foi promovida pelos reis católicos aos Judeus sefarditas, que tem apenas duas opções: a conversão ao cristianismo o que os tornaria “cristão novos” ou a expulsão, a maioria se recusa a conversão, sendo assim expulsa dos reinos de Castela e Aragão e migrando para o reino de Portugal, onde a situação para os judeus era até aquele momento tranquila, ainda de acordo com autor, em 1495 Dom Manuel é coroado rei de Portugal, sendo pressionado pela nobreza portuguesa e pelos reis espanhóis para que convertesse os todos judeus ou os expulsasse do reino, em 1496 o rei através de um decreto dá o prazo de um ano para que os judeus deixassem o reino.

O estabelecimento dos Tribunais da Inquisição na Península Ibérica o primeiro em 1478 no reino de Castela e em 1536 reino de Portugal deram força e legitimidade a essa política de intolerância, os judeus que migraram para os Países Baixos encontraram lá um ambiente de tolerância que os possibilitava continuar vivendo sua fé.

Os judeus que conseguiram fugir da perseguição na Península Ibérica encontraram nos países Baixos a tolerância para praticar sua fé, os que ficaram em Portugal que foram convertidos à força, se tornando assim cristão novos migraram para América Portuguesa em busca de tolerância.

¹ “Os judeus que não aceitaram converter-se ao catolicismo e que, sob ameaça de morte e de confisco de bens, foram expulsos da Espanha em 31 de março de 1492, pelo rei Fernando e pela rainha Isabel. Estes que passaram a ser conhecidos por sefarditas, a partir do topônimo Sefarad, nome hebraico utilizado para designar a Espanha e a Península Ibérica”. (SCHEIBEIN, 2009. p.66)

A perseguição inquisitorial acabou alcançando os cristãos novos que migraram para a América Portuguesa em busca de tolerância. Só com a invasão neerlandesa a Pernambuco na região nordeste (1630-1654) da América Portuguesa os judeus que viviam escondidos sob o manto de cristão novos puderam novamente deixar o véu do cristianismo cair e praticar sua fé novamente, um dos grandes responsáveis por essa tolerância foi João Mauricio de Nassau-Siegen governador do Brasil holandês (1637-1644.)

Para o desenvolvimento desse trabalho foram realizadas várias leituras entre livros e artigos de autores e autoras respeitados e chancelados pela academia, entre eles estão a Anita Waingort Novinsky, Evaldo Cabral de Mello, Ronaldo Vainfas, Luiz Mott, Caio Prado e Boris Fausto.

No primeiro capítulo da monografia o leitor encontra uma contextualização geral sobre a expulsão dos judeus, a proibição do judaísmo como religião e a conversão forçada dos judeus na Península Ibérica, a diáspora judaica em busca de tolerância religiosa na Europa, o início da imigração de cristão novos sefarditas para a América Portuguesa em busca de tolerância, a criação da Companhia das Índias Ocidentais, e sua ligação com a invasão neerlandesa no século XVI, uma breve biografia de João Mauricio de Nassau-Siegen, contemplando uma parte do seu governo do Brasil holandês.

No segundo capítulo discorri sobre a tolerância religiosa que os neerlandeses trouxeram para a região nordeste da América após a invasão e como Nassau defendeu que essa tolerância, assegurada pela WIC, fosse colocada em prática, mostrando sua ligação com judeus e cristãos novos sefardita. E como os judeus e cristãos novos que imigraram para América Portuguesa contribuíram na construção da América Portuguesa.

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO DE JUDEUS CRISTÃOS NOVOS E SUAS TRAJETÓRIAS ATÉ A AMÉRICA PORTUGUESA

Os judeus que residiam nos reinos governados pelos reis católicos, Fernando de Aragão e Isabel de Castela, são obrigados se converter ao cristianismo, que é religião oficial dos reinos -que mais forma a Espanha mas unificada como estado somente no século XVIII por Felipe V-, após a expulsão dos muçulmanos do seu último reduto no território espanhol em 1492, a intolerância se torna mais presente na vida dos judeus.

Os judeus que se recusassem a conversão seriam sumariamente expulsos dos reinos, de acordo com Ronaldo Vainfas, cerca de 40 mil judeus migraram para o reino de Avis, já que nesse reino o ambiente ainda era de tolerância como afirma o próprio Ronaldo Vainfas:

“Não existia, no reino dos Avis, uma comunidade de conversos similar às de Castela ou Aragão, de sorte que a comunidade sefardi portuguesa continuava a ser, fundamentalmente, judaica. Ela vivia, como em toda parte, em bairros próprios — as judiarias — sofria restrições, porém estava bastante integrada à sociedade cristã, sendo respeitada enquanto minoria religiosa. Havia judeus em quase todos os ofícios manuais ou intelectuais — artesãos, médicos, cirurgiões e comerciantes de variado porte.” (VAINFAS, pag.28)

Tolerância que não duraria muito. Em 1496 o então rei de Portugal D. Manuel, o “venturoso”, aplica a lei espanhola no seu estado Portugal - que de acordo com Ribeiro, é constituído no século XII, observado características muito próprias como: “tendencia a uma autonomia administrativa, individualidade nacional, condição territorial e homogeneidade étnica” (RIBEIRO, p.12) - mas não de forma tão rígida como fizeram os reis católicos na Espanha, onde a única opção para os judeus era a conversão forçada ao cristianismo. Entre as diferenças podemos destacar duas: a primeira foi dando a opção para os judeus que não queriam se converter ao cristianismo em sair do país com seus bens em paz; e a segunda foi dando o prazo de um ano para que todos os judeus que permanecessem no reino luso se convertessem e se adequassem ao cristianismo.

Para Kayserling (1867) o rei pensava que a ideia de se converter ao cristianismo seria bem aceita por parte dos judeus. Justamente por isso ele dá essa opção de conversão ao povo judeu, mas ao contrário do que pensava o rei, a conversão não foi vista com bons olhos pelos judeus que preferiam deixar o país a se converter ao cristianismo.

De acordo com as análises realizadas por Vainfas, os judeus que ali estavam, na sua grande maioria, representavam uma parcela importante da população, afinal eram comerciantes, artesãos, médicos, cirurgiões e intelectuais. Com medo de que o reino perdesse esses indivíduos, que além de contribuírem de formas diversas com a sociedade portuguesa ainda possuíam grandes fortunas, o rei toma uma medida drástica: para que os judeus ficassem no reino, ele ordena que os filhos de judeus sejam arrancados dos braços dos seus pais e entregues a famílias cristãs para que fossem batizados e criados conforme os dogmas e doutrinas do cristianismo. Para Meyer isso provoca uma dor dilacerante entre os judeus e causa assombro nos cristãos.

“O que então aconteceu foi, como se exprime o cronista, não somente dilacerante para os judeus, mas também provocou nos cristãos assombro e admiração; pois nenhum ser admite e suporta que mão humana lhe arranque seus filhos esse tal sucede a outrem, todos sentem, por compaixão natural, a mesma dor.” (KAYSERLING, pag:17)

Outra medida foi à conversão forçada dos judeus que foram para os portos de Lisboa, em 1497 esperando que pudessem embarcar rumo ao exílio, deixando claro, de acordo com Kayserling, esse foi o único porto que o rei liberou para que eles deixassem o reino de Portugal, dos portos foram encaminhados para um local que era chamado de Estão, que era um tipo de castelo, para que fossem convencidos a se converter, vendo que isso não era possível o rei ordena conversão a força dos mesmos, a partir do momento que o judeu é convertido ele se torna “cristão novo”, Kayserling chama esse processo de “religiocídio”, Para Ronaldo Vainfas isso é muito “discutível” já que os “cristãos novos” obtiveram privilégios reais.

“O rei tampouco apoiou medidas restritivas à integração de cristãos novos na sociedade portuguesa, favorecendo a ascensão de muitos deles a cargos antes reservados aos chamados cristãos velhos. Alguns conseguiram até mesmo posição de nobreza nesses primeiros anos de conversão forçada.” (VAINFAS, pag.30)

Embora o rei Dom Manuel proíba a perseguição aos “cristãos novos”, durante 20 anos (Vainfas, 2010, p. 30), em 1536 a autorização para que o estado português tenha seu próprio Tribunal do Santo Ofício é concedida através da Bula Papal Cum Ad Nihil Magis, -lembrando que na Espanha o Tribunal do Santo Ofício já existia desde o final do século XV, apesar de ser uma instituição medieval de acordo com Falbe, a Inquisição medieval surgiu no século XIII e tinha como objetivo combater as heresias que estavam minando o poder da igreja. O Papa Gregório IX, e o responsável por criar o primeiro Tribunal do Santo Ofício, delegando aos dominicanos a responsabilidade de condenar e fazer as leis que foram usadas contra os hereges, que após o julgamento se condenados eram entregues para o poder temporal executar a sentença. - Em Portugal o processo de instalação do tribunal do santo ofício não foi simples. Havia uma disputa entre o Papa e o então rei de Portugal para saber quem teria o poder administrativo sobre Tribunal do Santo Ofício, para acabar com essa disputa o rei de Portugal oferece grande soma em dinheiro ao papa para que esse poder fique com a coroa portuguesa, a relutância do papa em ceder esse poder ao rei se explica pelo “simples” fato de que com isso a igreja teria seu poder de influência reduzido. (Novinsky,1982)

Naquele momento o reino português estava sob o comando de Dom João III, conhecido como o “piedoso”, que assume o trono luso após a morte de Dom Manuel em 1521. O mesmo rei, de acordo com a Doutora Maria Paula Dias Couto Paes era um humanista, mecenas dos intelectuais e um grande entusiasta da universidade, mas nem a tão amada Universidade de Coimbra deixa de sofrer perseguições por parte da inquisição. A autora nos fala que essa perseguição é patrocinada pela nobreza mais influente que procurava retirar da universidade influências da antiguidade clássica pagã de perto dos jovens.

“Parece acertado dizer que boa parte daqueles que eram mais influentes na Corte de D. João III pretendia retirar da formação dos jovens portugueses o demasiado paganismo dos textos greco-latinos

do Humanismo Renascentista. A questão perpassava pela impossibilidade de conciliar os ideais de vida – o hedonismo manifesto no *Carpe Diem* horaciano, os prazeres carnavais preconizados na *Ars Amatoria* ovidiana ou o conceito de glória apenas como triunfo da humanidade – da Antiguidade com a exegese cristã. Coube aos jesuítas selar a síntese dos valores humanísticos dos Antigos com as atitudes de vida que o cristianismo exigia.” (Paes 2007, pp. 506)

De acordo com Novinsky a inquisição moderna se instalou e ganhou força justamente na Península Ibérica, que na Idade Média tinha os reinos considerados mais tolerantes do continente Europeu, “onde haviam coexistido durante séculos grupos étnicos e religiosos diferentes” (NOVINSKY, p.21). Ainda de acordo com a autora, a unificação dos reinos cristãos de Castelã e Aragão, sob uma só bandeira, lei e fé, colocou judeus e muçulmanos diante de uma situação de inferioridade política e religiosa em relação aos cristãos, situação que só piora com o fim do domínio muçulmano do reino de Granada em 1492 que culmina na expulsão deles.

De acordo com Bethencourt em 1478 o então Papa Pio VI assina a Bula *Exigit Sincerae Devotionis Affectus* autorizando a instalação da inquisição na Espanha, atendendo a um pedido dos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela que estavam insatisfeitos com o aumento da fé judaica entre judeus recém-convertidos ao cristianismo, e acusado até mesmo os bispos dizendo que eles eram tolerantes demais. Os reis estavam autorizados a nomear três inquisidores, o que nunca tinha acontecido antes, “Esse poder concedido os príncipes era um acontecimento inédito: até então, a nomeação dos inquisidores, cuja jurisdição se sobrepunha a jurisdição tradicional dos bispos em matéria de perseguição das heresias, estava reservada ao papa” (BETHENCOURT, p.17), os reis também poderiam trocá-los ou invalidar uma nomeação. Apesar da autorização, só em 1480 são nomeados os primeiros inquisidores.

De acordo com Novinsky, para consolidar seu poder como Reis, Fernando de Aragão e Isabel Castela acabaram cedendo espaço para que católicos radicais pertencentes a igreja e a Burguesia pudessem expor suas ideias contra os judeus recém conversos considerados hereges por esses grupos, ainda de acordo com a autora a situação financeira dos reis não era nada boa, o que pode explicar a perseguição aos recém conversos chancelada pelos reis e a própria inquisição já que uma das punições era o confisco de bens dos condenados.

Em 1540 são construídos três Tribunais do Santo Ofício no reino de Portugal: Lisboa, Évora e Coimbra. Nesse mesmo ano acontece o primeiro auto-de-fé em Lisboa, ritual pelo qual todos os acusados pelo Tribunal do Santo Ofício tinham que passar. O auto-de-fé começava com um sermão religioso em praça pública, terminado o sermão, os indivíduos acusados de cometer faltas contra a fé deveriam pedir perdão por elas, entenda-se confissão, sem direito a nem um tipo de defesa, em seguida os acusados deveriam andar até um pátio e nesse local receberiam sua sentença, fosse de morte, na fogueira no caso hereges, de absolvição ou de penas que variavam de condenações a prisão ou ao degredo. (Novinsky).

Nas possessões portuguesas a única que terá um tribunal é Goa, na Índia, esse tribunal ficou responsável pelas possessões portuguesas na África e possessões orientais. Já na América Portuguesa não teremos instalação de um tribunal do santo ofício devido à pressão jesuítica, mas apenas a presença de visitantes, sendo o primeiro visitante Heitor Furtado de Mendonça que chega à Bahia em 1591 (Vainfas, p. 308,309).

O fato de não ter se instalado na América Portuguesa um Tribunal do Santo Ofício foi de acordo com Mott foi um dos motivos pelo qual a economia açucareira teve algum triunfo já que a maioria dos donos de engenho era homens conhecidamente cristão novos, mas isso não significa que a perseguição inquisitorial não aconteceu na América Portuguesa.

Tentaram, em vão, as autoridades inquisitoriais, instalar em Salvador um tribunal do Santo Ofício, nos moldes dos que existiam em Lima, México e Cartagena de Índias. Felizmente, para os colonos reinóis e baianos natos, este macabro projeto jamais veio a concretizar-se, pois teria sido a ruína da pungente economia açucareira, em grande parte dominada pelo capital e empresários cristãos-novos (Mott, 2010, p.11)

De acordo com Mott, apesar do não estabelecimento de um Tribunal Inquisitorial na América Portuguesa, a perseguição do Santo Ofício aos considerados hereges aconteceu de forma efetiva nas terras de além-mar, coube a “Comissários e Familiares do Santo Ofício a temida tarefa de denunciar, prender, sequestrar os bens, e embarcar para o Reino os suspeitos enquadrados no rol de crimes do conhecimento da Santa Inquisição.” (MOTT, p.24).

Como foi dito no parágrafo acima, os cristãos novos que vieram para América Portuguesa acabaram contribuindo para o desenvolvimento econômico da Colônia, sendo Fernando de Noronha enviado à possessão pelo rei para comandar a exploração da terra, sendo incumbido de desbravar novas terras e construir fortificações. Cristãos novos também eram responsáveis por grandes faixas de terras e por grandes engenhos de cana de açúcar. (NOVISNKY 2015)

Diante da perseguição, os judeus e principalmente os cristãos novos da Península Ibérica se viram obrigados a procurar territórios onde fossem tolerados e pudessem praticar sua fé. Um desses destinos foi a América Portuguesa, tendo inclusive autorização real para a exploração da terra, alguns acabaram construindo engenhos e possuindo grandes plantações de cana de açúcar, mas nem todos os judeus que procuravam se estabelecer na América Portuguesa tinham condições para investir em engenhos e grandes plantações de cana de açúcar esses eram contratados para trabalhar nos engenhos de outros judeus ou judaizantes. (Novinsky 2015).

Foram bem recebidos na Península Itálica no século XVI, tendo inclusive autorização para praticar sua fé, desde que fosse de forma bem discreta, garantia dada pelo papa Paulo III, mesmo depois do início da inquisição papal os judeus ainda continuam praticando sua religião sem sofrerem com a perseguição. Entretanto, com o fim do papado de Paulo III essa tolerância seria reduzida. (Novinsky,2015)

De acordo com Ronaldo Vainfas, os judeus da Península Ibérica também tiveram como destino o Império Otomano, que tolerava sua presença, desde que pagassem tributos altíssimos.

O terceiro grande destino dos judeus sefarditas foi o Império Otomano, sobretudo após 1492. Mas, à medida que a política de acolhimento de judeus nas cidades italianas se tornava instável, milhares de judeus hispano-portugueses optaram por migrar para Salonica, Esmirna e Istambul — a Constantinopla conquistada pelos turcos, em 1453. Istambul chegou a abrigar, segundo estimativas da época, cerca de 35 mil judeus, em 1535. Os sultões otomanos viam com bons olhos a presença de comerciantes judeus em seus domínios, concedendo-lhes ampla liberdade religiosa em troca de taxas especiais. (VAINFAS, 2010, pag:32)

Diante dessa busca por tolerância, os “cristão novos” da Península Ibérica, conhecidos como sefarditas, encontraram finalmente nos Países Baixos tolerância,

não sofrendo com a perseguição inquisitorial mesmo com grande parte da população católica

Em busca de tolerância os judeus e cristãos novos sefarditas que fugiam da perseguição inquisitorial que se tornava cada vez mais intensa, acabou se estabelecendo em terras que toleravam a fé judaica. Cidades como Roterdã e principalmente Amsterdã que no final século XVI estavam se tornando grandes centros comerciais e tinham como religião o protestantismo calvinista acaba se tornando lugares que recebem muitos judeus e cristãos novos como afirma Vainfas, “A Holanda tornou-se o quinto grande destino dos sefardim na diáspora moderna, em especial dos cristãos novos portugueses” (VAINFAS, pag. 35).

Ainda, de acordo com Vainfas, a tolerância aos judeus e cristãos novos sefarditas se dava por uma questão econômica, já que muitos comerciantes cristãos novos que voltaram a praticar a antiga religião continuavam fazendo comércio com os portugueses e tinham um grande facilitador para isso que era o conhecimento da língua portuguesa depois do embargo imposto aos Neerlandeses com a União Ibérica.

O que acaba se constituindo em um duro golpe na economia dos Países Baixos que faziam comércio com reino lusitano, o açúcar produzido na América Portuguesa era um negócio controlado principalmente pelos judeus sefarditas de Amsterdã, em 1621 é criada a WIC ou Companhia das Índias Ocidentais que percebe o potencial financeiro de controlar o comércio de açúcar e o potencial estratégico de controlar a América Portuguesa (Mello, 2009)

1.1 A Companhia das Índias Ocidentais e a produção da cana de açúcar na América Portuguesa

O comércio entre as República das Províncias Unidas e as colônias americanas, e costa ocidental Africana é anterior a fundação da WIC que acontece em 1621 de acordo com o historiador Henk den Heijer esse comércio era feito por intermédio de pequenas companhias que foram criadas por negociantes locais para facilitar o comércio atlântico, que girava em torno de dois produtos: sal e açúcar.

A partir de 1600, dos portos da Frísia Ocidental, partiam anualmente dezenas de navios para a costa da Venezuela e para algumas das ilhas das Caraíbas, onde eram adquiridas grandes quantidades de sal. Negociantes de Amsterdam, Rotterdam e Middelburg enviavam navios para São Tomé e o Brasil, que retornavam com cargas preciosas de açúcar. (HEIJER, pag, 17)

Essa movimentação de navios neerlandeses no Atlântico não passou despercebida pelas potências marítimas da península ibérica que começam a atacar os navios neerlandeses com sua marinha de guerra, de acordo com HEIJER os negociantes não tinham condição de fazer segurança desses navios que estavam no atlântico, a partir desses incidentes os negociantes neerlandeses perceberam que teriam que se unir em volta de uma companhia grande e forte.

“A única solução seria a formação de uma companhia comercial, com monopólio, na qual todos os investidores particulares com interesses no comércio no Atlântico pudessem unir esforços e recursos e assim fazer frente aos ataques espanhóis e portugueses.” (HEIJER, pag, 18)

A criação da companhia foi pensada de acordo com BOXER por um homem chamado Willem Usselinx, que acreditava que através da criação de uma companhia mercantil e monopolista os neerlandeses poderiam além de fazer comércio com as colônias na América cruzando o Atlântico de forma mais segura, os neerlandeses poderiam usufruir de forma livre do comércio com as colônias Ibéricas, sem invadir e conquistar as colônias.

“Não advogava necessariamente Usselinx a tomada das colônias aos portugueses e espanhóis; mas concitava os Estados Gerais a insistirem junto à coroa da Espanha para que, enquanto durasse a trégua, permitisse o comércio e os estabelecimentos dos holandeses na América, particularmente em lugares como a Guiana (chamada então "Costa Selvagem"), e na região ao sul do Rio da Prata, não ainda efetivamente ocupada, quer pelos espanhóis, quer pelos portugueses.” (BOXER. pag, 26)

Usselinx acreditava que principal fonte de riqueza dos reinos Ibéricos não era a extração de metais preciosos, ele argumentava por exemplo que a possessão portuguesa não produzia metais preciosos e estava a enriquecer mesmo assim, então ele levanta a tese que a produção e venda de produtos da terra, era a grande fonte

de riqueza desses reinos já que produtos como açúcar por exemplo tinham grande aceitação e eram comercializados a um preço alto no mercado europeu.

Esses artigos, negociados e vendidos em Portugal, bastavam quase por si sós para sustentar o reino, o qual, convém lembrá-lo, de 1580 a 1640, formava com a Espanha uma dupla monarquia. Conforme os seus cálculos, só o açúcar brasileiro lhe proporcionava um lucro anual mínimo de 4 800 000 florins. (BOXER, pag, 26)

Em 6 de junho de 1621 é criada a West-Indische Compagnie (WIC) em português Companhia das Índias Ocidentais (CIO) de acordo com BOXER, a WIC tem um claro objetivo que é colonizar e fazer comércio, “o comércio e a colonização estavam claramente dentro dos seus objetivos, como se depreende dos termos da carta original” (BOXER, pag.31)

A criação, em 1621, da Companhia das Índias Ocidentais, não era somente para fazer comércio, percebendo que a produção de açúcar da colônia a América Portuguesa gerava muitos lucros, e além da posição estratégica da região, um plano de invasão é arquitetado pelos Neerlandeses. (Mello 2011)

Em 1624 foi realizada a primeira invasão com sucesso já que quase não encontra resistência por parte dos colonos que fogem para o interior com medo das investidas Neerlandesas. Porém a ocupação dura apenas um ano, e os colonos se organizam e acabam expulsando os invasores.

Em 1630 os Holandeses invadem Pernambuco e a Companhia das Índias Ocidentais em 1637 envia o Conde Mauricio de Nassau para governar a região. Durante esse período conhecido como nassoviano que dura cerca de 24 anos, a presença judaica cresce de forma expressiva graças a liberdade religiosa e as reformas econômicas feitas por Nassau.

O desprezo de Portugal pela terra “descoberta” por Cabral em 1500, revela que o reino lusitano estava mais preocupado em encontrar metais preciosos que pudessem enriquecer o reino de forma imediata que povoar essa terra ou protegê-la, de acordo com Prado essa atitude do reino de Portugal para com a nova possessão acabou deixando a terra à mercê de invasores.

“Abandonada não poderia a nova conquista permanecer livre das incursões de aventureiros estranhos. A ânsia por por terras

desconhecidas, que empolgara as nações da Europa, provocando uma corrida geral para o Novo Mundo, acabaria fatalmente por arrebatá-la à Coroa portuguesa a colônia sul-americana.” (PRADO, 1933, p.12)

Ainda de acordo com o autor os franceses são os primeiros a estabelecer um “tráfico intenso ao longo da costa brasileira, carregando para a Europa madeiras e outros produtos” (Prado, p.12).

De acordo com Boris Fausto, os franceses não reconheciam o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, que dividia o mundo entre Portugal e Espanha, para os franceses, a terra pertenceria a quem as ocupasse primeiro, justificando assim as invasões.

Em 1526 de acordo com Prado (1933, p.13) são enviadas pela metrópole navios de guerra para expulsar os invasores do litoral ocupado, sob o comando de Cristóvão Jaques os franceses são expulsos nesse primeiro momento da colonização da América Portuguesa. Ainda de acordo com o autor, para frear as invasões são criadas as Capitanias Hereditárias com o intuito de atrair colonos para as povoar e proteger as terras, mas apenas duas capitanias acabam vingando, são elas: São Vicente e Pernambuco, já que para ocupar e proteger a terra seria necessário muito investimento por parte dos donatários.

De acordo com Fausto (2002, p.45) o sucesso dessas capitanias se deve ao investimento dos donatários na produção de um produto que tinha uma boa aceitação no mercado Europeu naquele momento que era o açúcar e a boa relação que os donatários estabeleceram com as tribos indígenas locais.

Considerada uma especiaria rara, o açúcar era produzido pelos portugueses apenas nas ilhas do atlântico “Os portugueses haviam já iniciado há algumas dezenas de anos a produção, em escala relativamente grande, nas ilhas do Atlântico, de uma das especiarias mais apreciadas no mercado europeu: o açúcar.” (FURTADO, p.10) ainda de acordo com o autor, a experiência que foi adquirida pelos portugueses foi aplicada posteriormente na América Portuguesa.

A produção de açúcar na América Portuguesa está diretamente ligada a demanda pelo produto no mercado Europeu, “A Europa temperada figurará no centro

de um vasto sistema que se estende para os trópicos a fim de ir buscar neles os gêneros que aquele centro reclama e que só eles podem oferecer” (PRADO, p.199)

De acordo com Novinsky, os cristãos novos foram os responsáveis por levar para a América Portuguesa as primeiras mudas de cana-de-açúcar e ano de 1526 o açúcar produzido na América Portuguesa já estava entrando no reino Luso.

1.2 Maurício de Nassau e a América Holandesa

Johann Moritz von Nassau-Siegen, conhecido como João Mauricio de Nassau Siegen, nasceu de acordo com Boxer, em 1604 no castelo de Dillenburg, filho do segundo casamento de seu pai, Jan Middelste conde de Nassau Siegen, com a princesa Margaretha, de Holstein-Sonderburgh e neto de Jan de Oudste, irmão mais velho de Guilherme o Taciturno chefe da família Nassau.

De acordo com o historiador Charles Boxer, Mauricio de Nassau teve sua formação escolar encurtada devido à Guerra dos Trinta Anos, sendo enviado para morar com seu tio na Frísia, mesmo nesse curto período que frequentou a escola foi despertado nele um gosto por estudos humanísticos que ele levaria para toda a vida, depois de dois anos morando com seu tio, ele se alista e vai para a mesma guerra que o forçou a parar seus estudos, durante o inverno com interrupção da guerra ele vai para a corte de Haia “onde o seu apuradíssimo senso estético foi ainda mais estimulado pelo estreito convívio com artistas, poetas e homens de letras.” (BOXER, pág. 95)

Mas foi na vida militar que Mauricio de Nassau se destacou e ganhou notoriedade, de acordo com BOXER o cerco a Dan Bosch, a tomada de Masstricht, a recaptura de Schenckenshans foram batalhas que alavancaram a carreira militar e vida social, de Mauricio de Nassau o que acaba sendo um fator preponderante de acordo com o autor para que Mauricio fosse indicado para um alto cargo na colônia.

Junto com a indicação vem um alto salário de “1.500 florins mensais, além de uma ajuda de custo de 6 000 florins para as primeiras despesas, e verba de representação para êle e mais alguns membros de sua comitiva.” (BOXER, p.96). Em agosto de 1636, Nassau aceita o convite recebendo o título de “Governador Geral e

comandante chefe das possessões da Companhia do Brasil”, partindo para essa nova empreitada em outubro, mesmo ano, sua chegada em Recife é no dia 23 de janeiro de 1637, ficando, de acordo com BOXER, apaixonado “mal pusera o pé em terra e já se tomou de amôres pelo Brasil.” (pag,98)

Além de soldados, de acordo com Boxer, Nassau tinha na sua comitiva artistas, cientistas e artesãos que colaboraram para que alguns desejos do conde fossem colocados em prática, como a urbanização de Recife, a construção de um aviário, um jardim zoológico, jardim botânico, a construção de um observatório astronômico, e um observatório meteorológico.

Construiu nela duas espaçosas casas de campo, uma das quais provida de um bem sortido aviário, além de um jardim zoológico e outro botânico, onde deu expansão aos seus gostos, cultivando plantas frutíferas exóticas e transplantando árvores tropicais em larga escala. Fundou também o primeiro observatório astronômico e meteorológico do Nôvo Mundo, nêle sendo guardados os registros relativos aos ventos e às chuvas. (Boxer, p.158)

De acordo com Vainfas, Nassau foi o responsável por reconstruir a Capitania de Pernambuco destruída pelo conflito armado que conferiu aos neerlandeses a vitória sobre os colonos portugueses, incentivando a construção de novas edificações na cidade velha de Recife, incentiva o aperfeiçoamento dos portos, e melhoria das fortificações. Ainda de acordo com autor, Nassau dominava idiomas como o Francês, e Alemão, mas não fala nada da língua local, mas isso não foi empecilho para que ele governasse o Brasil, e mantivesse um clima de tolerância entre judeus, católicos e protestantes, ganhando até um título de príncipe mesmo não sendo, era amado por judeus, e católicos.

Nassau deixa a possessão neerlandesa na América por volta de 1644, mas desde setembro do ano anterior já havia sido dispensando pela Companhia das Índias Ocidentais. De acordo com Vainfas, Nassau se enriqueceu durante sua estada na América, quando chega na Holanda sua riqueza é estimada 2,6 milhões de florins, duas naus foram necessárias para que toda a mudança de Nassau fosse transferida para a Europa “a carga incluía infinidade de madeiras de terra, toras de jacarandá, 100 barris de frutas cristalizadas, um sem- número de botijas de farinha de mandioca, coleções de plantas, aves, 30 cavalos....” (Vainfas, p.216)

De acordo com Vainfas, Nassau era um administrador que presava pelo diálogo, tentou promover a paz entre os colonos, “facilitar o crédito, proteger interesses, cativar amizades.” (Vainfas, p.209). Nassau procurou durante sua administração promover a tolerância religiosa entre as religiões na América. De acordo com Mello, Nassau resolveu vários problemas administrativos ligados à produção do açúcar, como a falta de mão de obra escravizada, a restauração de engenhos abandonados ou destruídos.

CAPÍTULO 2

OS JUDEUS E OS CRISTÃOS-NOVOS NA AMÉRICA HOLANDESA

2.1 Nassau e a tolerância religiosa no Nordeste da colônia

Ser judeu na Península Ibérica no final do século XV era proibido, os judeus que não conseguiram fugir ou fizeram a opção por ficar em suas terras foram convertidos ao cristianismo à força ganhado o status de “cristãos novos”, mas nem assim perseguição deixou de acontecer, muitos cristãos novos foram acusados de práticas judaizantes, presos, processados e mortos pelo Tribunal da Inquisição tanto na metrópole como nas colônias (Santos, 2009).

É importante ressaltar que ocupação neerlandesa da região nordeste da América Portuguesa não tinha outro objetivo a não ser a exploração da monocultura do açúcar com base na mão de obra negra escravizada gerando assim lucros tanto para os senhores de engenho como para os acionistas da WIC, o que poderia inclusive suscitar dúvidas sobre o real sentido da tolerância religiosa de Nassau principalmente em relação aos judeus e cristão novos sefarditas, que na sua maioria eram comerciantes e alguns foram senhores de engenho.

O comércio foi a atividade mais importante dos judeus sefarditas no período holandês no Brasil. Além do açúcar, outros produtos como tabaco, conservas peles, escravos, títulos de crédito, aparelhagem de navios de corso e todo gênero de fazendas secas e molhadas eram negociadas (NOVINSKY, p.135)

A tolerância religiosa de Nassau de acordo com Weimer tinha muitos limites impostos por ele mesmo e nada tem a ver com liberdade plena, muito pelo contrário, seus passos eram vigiados sua crença religiosa só poderia ser praticada de forma discreta, não tinham permissão para tentar atrair pessoas para sua crença religiosa, entre outras restrições.

“I) Não edificarão eles novas sinagogas; II) A nenhum judeu será permitido casar com cristã ou ter concubina cristã; III) Não poderão converter cristãos ao mosaísmo, nem chamá-los da liberdade evangélica para os encargos da Lei velha, nem da luz para as sombras; IV) Nenhum judeu poderá ultrajar o sacrossanto nome de

Cristo; V) No recenseamento dos corretores, não excederão a terça parte do respectivo número; VI) Comerciando, não fraudem a ninguém; VII) Os filhos nascidos de judeu e de cristão, morrendo os pais, serão entregues para serem educados aos parentes cristãos. Os que não tiverem estes serão educados em orfanatos, se forem pobres, ou ficarão sob os cuidados do Conselho Secreto, se forem ricos". (BARLAEUS, p. 327. apud WEIMER, p. 131)

Apesar de todas as restrições "Em terras de domínio lusitano, judeus eram perseguidos até com requintes de perversidade pela Inquisição" (WEIMER, p.133) ainda de acordo com o autor por esse motivo a tolerância oferecia por Nassau parece ser maior que realmente foi.

Judeus e cristão novos sefarditas, apesar de gozarem de certa tolerância e terem duas sinagogas, sendo uma em Recife e a outra na ilha de Antônio Vaz, ainda assim eram perseguidos por católicos e protestantes. De acordo com Novinsky o enriquecimento dos judeus sefarditas era o principal motivo para que protestantes e católicos acabassem perseguindo os judeus de várias formas entre elas estão: acusá-los de práticas comerciais desonestas, tentando inclusive proibir que eles pudessem fazer comércio, de monopolizarem os mercado do açúcar, proibir que os homens judeus se casem com mulheres cristãs e de praticar o judaísmo em público, e os líderes religiosos da igreja protestante na América holandesa decidiram que as duas sinagogas existentes deveriam ser fechadas.

Os judeus de Recife, não aceitando que esses abusos continuassem acontecendo, recorreram às lideranças judaicas de Amsterdã; uma petição foi organizada para garantir a que os judeus não teriam seus direitos violados. Posteriormente foi enviado um "documento chamado de Patente Honrosa", esse documento garantia que as sinagogas ficariam abertas, garantia a defesa dos direitos mesmo que limitados judeus de acordo com Vainfas era de interesse também da WIC e do governo holandês, "a proteção aos judeus não foi apenas uma decisão isolada e circunstancial de Nassau, senão uma política da WIC endossada, em Haia, pelo governo holandês" (VAINFAS, p.96), o que não impede que abusos como os citados acima não tenham acontecido.

O governo de Nassau buscou criar um ambiente de tolerância religiosa nos trópicos, esse foi um dos motivos pelos quais cada vez um número de maior judeus e cristãos novos deixaram a República Unida dos Países Baixos e imigraram para o

Brasil Holandês. Porém, de acordo com o historiador Ronaldo Vainfas, esse não foi o único motivo do aumento da imigração judaica no período nassoviano. Nassau criou também um ambiente econômico que atraiu a atenção de judeus e cristãos novos sefarditas que viviam nos Países Baixos e não somente os judeus que tinham posses; ainda de acordo com o autor, mesmo que o indivíduo não fosse um comerciante de grosso trato² ou um senhor de engenho, ele contava com ajuda de outros judeus, a chamada rede judaica.

Os acionistas da WIC sabiam dessa elasticidade das redes judaicas; os Dezenove Senhores também conheciam a experiência e o estilo de comércio sefardita; o Conselho Político do Recife, enfim reconhecia o papel estratégico dos judeus nos negócios do Brasil. Mauricio de Nassau, homem de confiança da WIC e autoridade máxima na Nova Holanda, protegeu os judeus por dever de ofício e responsabilidade do cargo (VAINFAS, p. 208)

Essa imigração é dividida em duas fases, a primeira de 1635 e 1640 e aconteceu por uma reorganização da produção açucareira, que consistiu na venda de engenhos que foram abandonados por portugueses para judeus e pelo restabelecimento do tráfico negreiro pelo qual eles eram responsáveis por vender os negros escravizados para os senhores engenho, a segunda de 1640 a 1641 os judeus e cristãos novos foram atraídos pela grande saída para o mercado internacional do açúcar produzido na região nordeste e por um aumento da demanda de produtos importados cada vez maior.

“Foi no início do período nassoviano que se estabeleceu, aliás, a comunidade judaica no Brasil holandês. A reestruturação da economia açucareira e do tráfico foi um chamariz da primeira leva migratória, situada entre 1635 e 1640. A segunda leva ocorreu a partir de 1640-1641, impulsionada, antes de tudo, pelo crescimento das exportações de açúcar, pelo aumento das importações de mercadorias europeias pela Nova Holanda e pelo incremento da economia colonial no conjunto. (VAINFAS, p. 97-98)

A participação de judeus e cristãos novos no comércio não era bem-vista pelos colonos neerlandeses e não agradava os líderes da Igreja Calvinista. De acordo com Novinsky, todos os anos eram enviados à WIC relatórios contendo informações sobre as transações comerciais feitas na colônia, dentre vários relatórios chamou a atenção da autora pelo conteúdo que pedia a Companhia Das Índias Ocidentais (WIC) para

² grosso trato que seriam os negociantes envolvidos, simultaneamente, no tráfico internacional de escravos, no abastecimento interno e nas finanças coloniais. (MENDES, p.195)

que limitasse a influência econômica e política dos judeus, a Companhia não atendeu à solicitação dos colonos por acreditar que os judeus eram parceiros nessas áreas.

A perseguição aos judeus e cristãos novos partia de protestantes na maioria das vezes, o que não significa que os católicos que ali moravam não fossem intolerantes e não perseguissem os judeus e os cristãos novos, sobre os protestantes, Novinsky deixa bem claro que várias cartas foram enviadas à WIC com acusações contra os judeus que residiam no Recife, destacando as altas taxas de natalidade entre o povo judeu e a grande quantidade de judeus que estavam saindo da Holanda e imigrando para a possessão neerlandesa na América, em relação aos católicos. A autora destaca a participação do frei Manuel Calado como “líder de um movimento antijudaico” (NOVINSKY, p.138)

A Política de tolerância religiosa para com os judeus e cristãos novos sefarditas tem início na América com invasão e ocupação neerlandesa da região nordeste da América Portuguesa, que no momento da invasão estava sob domínio da Coroa Ibérica, que não aceitava que os seus súditos fossem judeus, pois, de acordo com Santos (2009), oficialmente o judaísmo era uma prática proibida o que implicava na total falta de reconhecimento desses indivíduos como portadores de algum tipo de direito, logo a perseguição inquisitorial de cristãos novos que fossem acusados de cripto judaísmo ou de serem judaizantes praticas que no entendimento dos inquisidores era considerada uma tentativa de manter o judaísmo sob o manto do catolicismo, era totalmente legítima inclusive nas possessões que incluíam também os Países Baixos que eram divididos em províncias.

De acordo com Santos (2009), a liberdade religiosa nas províncias do norte não foi atendida por Felipe II, muito pelo contrário instalasse uma repressão religiosa e política, toda a insatisfação dos neerlandeses com a Espanha e com o reinado de Felipe II, leva a uma guerra o que acordo com Vainfas que culmina com a “separação das províncias do norte” (VAINFAS, p.35). Ainda de acordo com o autor, para as províncias do norte agora livres do jugo espanhol detinham grande parte dos recursos financeiros, se concentrando na Holanda e Amsterdã, os calvinistas que estavam em busca de liberdade religiosa foram para Holanda, os cristãos novos em busca de tolerância migraram principalmente para Amsterdã, De acordo com Novinsky (2015) esses eram na sua maioria homens de posses, intelectuais e profissionais com as

mais diferentes funções, dentro da sociedade, esse fator contribuiu para esses indivíduos fossem mais bem aceitos pela sociedade local.

2.2 A participação de judeus e cristãos novos na construção da América Holandesa

Os primeiros cristãos novos, de acordo com Novinsky (2015), que chegaram na América Portuguesa ainda no século XVI, estavam na comitiva de Fernando de Noronha que também era cristão novo, e havia ganhado de D. Manuel, então rei de Portugal, o direito de explorar a possessão portuguesa por 10 anos em nome da Coroa. Os cristãos novos da comitiva foram responsáveis pelo desenvolvimento da cultura da cana de açúcar na região Nordeste no século XVI; em 1580 a região Nordeste era a mais importante produtora de açúcar da América Portuguesa.

“Foram os primeiros mercadores conversos, integrantes do grupo de Fernando de Noronha, que durante suas viagens, aproveitando suas paradas para abastecer os navios na ilha da Madeira, Açores, e São Tomé, negociaram as primeiras mudas de Cana-de-açúcar, transplantando-as para o Brasil” (NOVINSKY, 2015, p.88)

Nos anos iniciais da efetiva colonização da América Portuguesa, podemos destacar a presença de alguns cristãos novos na colônia por sua importância na produção de açúcar, no comércio, no tráfico ultramarino e principalmente na preservação da fé judaica nos trópicos como: Diogo Fernandes e Branca Dias, Ambrósio de Fernandes Brandão, e João Nunes, e Gaspar Dias Ferreira que diferente dos outros viveram no período da ocupação holandesa foco dessa monografia, dissertarei sobre eles na tentativa de construir breves biografias informativas.

De acordo com a historiadora Anita Novisky, o cristão novo Diogo Fernandes foi dono de um grande e importante engenho em Pernambuco, sendo considerado um grande especialista na produção de açúcar, e fundador da primeira comunidade de cristãos novos da região nordeste ainda no século XVI, os membros dessa comunidade foram denunciados a inquisição como judeus secretos.

Outros grandes produtores de açúcar da região foram Ambrósio de Fernandes Brandão e João Nunes também cristãos novos foram importantes nomes na produção de açúcar da região nordeste.

João Nunes, mercador em Olinda e senhor de dois engenhos na Paraíba, que se tornou um dos homens mais ricos de sua época. Na região também se estabeleceu Ambrósio Fernandes Brandão, cristão novo, autor da primeira obra da história econômica da América Portuguesa, Diálogos das grandezas do Brasil, que além de cronista foi também senhor de dois engenhos na Paraíba, o engenho do Meio e o Engenho de São Cosme e São Damião, localizados às Margens do rio Inhobi. (NOVISNKY, 2015. p 91)

Ainda de acordo com a autora, o enriquecimento dos colonos devido a produção açucareira, também deve ser levado em conta para que as visitas do Santo Ofício tenham acontecido a América Portuguesa e tenham se iniciado na região nordeste local de maior concentração de engenhos da colônia.

A lavoura açucareira progrediu, os colonos enriqueceram e o Brasil tornou-se o maior produtor de açúcar do mundo. Quando Felipe II da Espanha incluiu Portugal aos seus domínios, em 1580, reforçou por razões políticas o Tribunal da Inquisição, e a perseguição, as heresias também se intensificou. (NOVINSKY, 1985 p. 75,76)

No século XVI alguns cristãos novos da Península Ibérica que desejavam praticar o judaísmo, mesmo sabendo e tendo consciência da proibição “julgavam encontrar nas colônias portuguesas de ultramar a possibilidade de continuar a praticar a fé judaica, ainda que sob o “manto” de católicos romanos.” (Santos, 2009, p.48). De acordo com Santos, para combater essa e outras heresias a América Portuguesa recebeu as primeiras Visitas do Santo Ofício na Bahia, 1591-1595, em Pernambuco Olinda – 1599, e a segunda na cidade de Salvador –1610 e 1618-1620, provocando inclusive uma divisão entre cristão velhos e novos.

buscou identificar os desviantes da ortodoxia da fé católica romana, especialmente os cristãos-novos judaizantes. As visitas, especialmente a segunda, mais focada nas Capitânicas “de cima”, geraram rupturas na sociedade colonial da América Portuguesa, opondo os chamados cristãos-velhos aos cristãos-novos (SANTOS, 2009, p.49)

Com a invasão neerlandesa em 1630 a perseguição inquisitorial aos cristãos novos acusados de práticas heréticas tem um hiato nos territórios ocupados na região nordeste da América Portuguesa, de acordo com Silva (2009) isso se deve a um requerimento aprovado em 1629 pelos Estados Gerais que prevê que a mesma tolerância religiosa que havia na metrópole neerlandesa deveria se estender as colônias, ainda de acordo com o autor, essa tolerância em relação judeus e católicos apostólicos romanos não deve ser confundida com liberdade religiosa.

Portanto, o que a Companhia das Índias estabelecia para o Brasil era tolerância às demais manifestações de culto e não à liberdade religiosa; entendida esta como uma conquista, e não uma concessão de acordo com os interesses do Estado. (SANTOS, 2009, p.60)

Por isso, mesmo com a tolerância religiosa foram proibidas celebrações públicas judaicas e católicas, foram fechadas duas sinagogas no Recife 1638, e igrejas de matriz católica se tornaram espaços para cultos protestantes, essas medidas são fruto da intolerância religiosa que era praticada pelos líderes da igreja calvinista na colônia. Mas a intolerância em especial aos judeus não partia apenas dos líderes religiosos calvinistas, de acordo Vainfas (2011) os colonos neerlandeses protestantes que lidavam com negócios de pequena e de média monta “odiavam os judeus porque perderam o espaço e viram frustradas suas expectativas de enriquecer na colônia” (HAAG, VAINFAS, 2011)

De acordo com Mello (2016) Mauricio de Nassau quando governou o Brasil Holandês soube lidar com a questão da intolerância que partia dos colonos neerlandês em relação aos judeus e portugueses católicos de forma muito hábil mediando situações de conflito e fazendo cumprir a lei. Nassau sabia da importância econômica dos judeus para a manutenção da colônia, mas para o autor essa política de tolerância religiosa defendida por Nassau teria vindo de uma criação que teve por baseada na tolerância religiosa.

“É certo que a política de conciliação que adotou constituía uma exigência do domínio do sistema açucareiro pelos senhores de engenho, lavradores de cana e artesãos luso-brasileiros. Mas Nassau e sua família, tanto na Alemanha quanto nos Países Baixos, tinham uma longa tradição de tolerância religiosa que explica também sua atuação no Brasil.” (MELLO, 2016, p.219)

Diogo Fernandes cristão novo nascido em Portugal no século XVI, recebeu de Duarte Coelho donatário de Pernambuco uma sesmaria juntamente com Pedro' Álvares Madeira também cristão novo para construir um engenho em Camaragibe, foi casado com a cristã nova Branca Dias, que foi perseguida e presa pela inquisição, denunciada pela irmã por práticas judaizantes, de acordo com *Vainsencher* e Ribemboim ela conseguiu fugir da prisão em que era mantida pela inquisição e fuge com os filhos para a América Portuguesa aonde reencontrou o marido Diogo Fernandes.

De acordo com Gouveia, Diogo Fernandes e Branca Dias formaram o primeiro casal de cristãos novos na América Portuguesa, sendo a eles atribuída também a criação da primeira comunidade de cristãos novos na América Portuguesa, por esse motivo o engenho de Camaragibe era considerado por outros cristãos novos “como o centro espiritual dos cristãos-novos no século XVI” (GOUVEIA, p.47). Os rituais eram realizados dentro da casa do casal, mesmo não sendo o lugar ideal, nessa mesma casa Branca Dias dava aulas para moças.

“E mesmo a falta de local apropriado não impedia a prática dos rituais judaicos – a esnoga – como a que acontecia aos sábados na casa de Branca Dias e Diogo Fernandes em Olinda. O casal sofreu treze denúncias, várias delas de antigas alunas de Branca Dias – que mantinha um pensionato escola em sua casa, sendo auxiliada pelas filhas – cuja diferença na rotina de funcionamento da residência nas sextas-feiras chamou a atenção daquelas, isto é, a limpeza da casa, a troca da roupa de cama, a preparação de uma refeição especial, a troca da roupa pessoal e o descanso aos sábados.” (GOUVEIA, p.48)

O cristão novo Ambrósio de Fernandes Brandão, nascido no reino de Portugal no ano de 1555 na cidade de Lisboa, foi denunciado ao tribunal da inquisição por praticar o judaísmo, mas não chegou a ser preso ou julgado. Na América Portuguesa Ambrósio foi senhor de engenho na Paraíba e escrivão de Bento Dias Santiago de Pernambuco e Itamaracá, no de 1591 foi denunciado ao Santo Ofício por frequentar a esnoga de Camaragibe. Escreveu um texto chamado “Diálogos das Grandezas do Brasil” nesse livro o autor retrata as riquezas naturais, flora a fauna, costumes dos habitantes, juntamente com a burocracia instalada na colônia lusa. Mas a obra só foi publicada como livro no século XX. Nascido em Portugal, por volta de 1556, Ambrósio Fernandes Brandão foi um homem do império.

É possível que os cabedais aplicados por Ambrósio Fernandes tenham sido provenientes do perdão-geral sobre os confiscos aos cristãos-novos, oferecidos na época por D. Sebastião em troca de financiamento às suas eventuais desventuras na África. Desse modo, foi agraciado não apenas por sua atuação nas armas, mas também pelo próprio investimento, no interstício dos anos três anos que marca o registro da chancelaria para o exercício do cargo, o que corrobora com as informações que demarcam o tempo para chegada de Ambrósio Fernandes na Capitania de Pernambuco, por volta de 1583. Nesse período, o açúcar do Brasil passava por um surto produtivo, tornando-se o principal fornecedor mundial entre 1570 e 1585 e Pernambuco despontou nesse cenário, com um crescimento de 8,4% no número de engenhos. Pressupõe-se que Ambrósio Fernandes tenha arribado à colônia, provavelmente, visando à

capitania enquanto praça de aprendizagem mercantil. Foi recebido pelo já citado Bento Dias Santiago. (MENEZES, BRANDÃO, p.64-65)

Já João Nunes nasceu no Bispado de Lamengo, em Portugal, filho de pai e mãe cristãos novos, de acordo com SIQUEIRA (1969), foi um homem de negócios, ligado ao tráfico de pau brasil, mercador de açúcar e de Angola

João Nunes possuía capital mobiliário. 200.000 cruzados era a fortuna que lhe atribuíam. Inverteu-o no comércio. Os capitais preferiam o comércio (47). Mercador de açúcar, contratador do pau-brasil e de Angola, João Nunes associava sua pessoa e suas relações econômicas e familiares ao capitalismo régio. Teoricamente mantinha-se ainda, no fim do século XVI, o caráter patrimonial do ultramar. (SIQUEIRA, p.238)

Ainda de acordo com a autora, João Nunes foi acusado pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça no ano de 1592 de ser um mau cristão, e desrespeito ao crucifixo deixando-o em lugar impróprio, o processo foi enviado juntamente com o acusado para o Tribunal Inquisitorial de Lisboa, o conselho geral desconsiderou as acusações alegando que as prova eram muito frágeis, foi solto sob fiança, mas as investigações em relação a sua conduta continuaram a acontecer na América Portuguesa. No ano de 1597 sob ordem do rei as acusações são revistas a fiança pega pelo acusado para sair do cárcere foi devolvida no valor em seu valor integral, aconteceu um levantamento dos bens sequestrados e foi autorizada a sua volta para América Portuguesa.

Gaspar Dias Ferreira foi um cristão novo que nasceu em Portugal que emigrou para América Portuguesa no século XVII, fixou residência na capitania Pernambuco. Gaspar Dias Ferreira desenvolveu na América Portuguesa o ofício de comerciante e foi muito bem-sucedido nessa empreitada. Em 1630 Pernambuco é invadida pelos neerlandeses, durante a invasão Gaspar teve um grande prejuízo material. De acordo com Mello (2010) Gaspar se tornou um amigo próximo de Nassau tendo inclusive tirado proveito dessa amizade para conseguir benefícios econômicos concretizando negócios que causaram um certo incomôdo na sociedade local, sendo considerado pelo autor como um “testa de ferro” de Nassau, já que ele também se beneficiou dessas transações.

“O segundo português da amizade de Nassau foi o comerciante Gaspar Dias Ferreira, que se estabelecera em Pernambuco muitos anos antes da ocupação holandesa. À sombra da proteção de Nassau, a quem serviu como testa de ferro, Gaspar Dias Ferreira não

só adquiriu dois dos melhores engenhos confiscados como realizou negociatas que causaram escândalo no Brasil holandês.” (MELLO, 2016, p.231)

Ainda de acordo com o autor, Nassau teve envolvimento com outros cristãos novos portugueses, o que não agradava muito os colonos neerlandeses que eram protestantes, mesmo com todos os protestos, Nassau acreditava que a boa convivência entre judeus/cristão novos, católicos e protestantes na colônia era benéfica para todos, principalmente para manter a economia que nesse momento era baseada principalmente na grande lavoura de cana para a produção e comercialização do açúcar que era o produto mais requisitado pelo mercado internacional.

No século XVII, durante o período de ocupação neerlandesa na América, essa tolerância foi transplantada permitindo assim que os cristãos novos que praticavam o cripto judaísmo pudessem, a partir daquele momento se declarar oficialmente judeus com a presença de Maurício de Nassau em 1637, os judeus têm cada vez mais assegurada sua prática religiosa mesmo que com limitações já explicitadas nesse trabalho, de acordo com Vainfas, Nassau fazia questão de lembrar aos Heeren XIX que eram os membros do alto conselho administrativo da Companhia das Índias Ocidentais que os judeus eram importantes aliados no comércio e além disse tinham os mesmos inimigos no campo na religião e política, afirmando assim que os judeus eram amigos leais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição para o que os judeus sefarditas continuassem vivendo na Península Ibérica, primeiro nos reinos de Castela e Aragão e posteriormente no reino de Portugal, era que eles negassem a sua fé, seu estilo de vida e pôr fim a cultura judaica, em prol da religião considerada verdadeira. Essa era a condição para que não fossem expulsos, os judeus que eram ricos, ou puderam pagar pela viagem de alguma forma foram embora, abandonando, suas casas, memórias abandonando tudo para buscar por tolerância.

Os judeus sefarditas que permaneceram em terras Ibéricas foram obrigadas a se converter ao cristianismo e passaram a ser conhecidos como cristão novos, o que os livra da expulsão mais não da intolerância e perseguição que só piora com a instituição da Inquisição primeiro em terras flamengas depois de terras lusas. Os judeus que se recusarem a conversão e foram expulsos, encontram tolerância em terras neerlandesas, em que povo era de maioria protestante e aceitaram a sua presença por considerá-los uteis de já mesmo não tendo tantas posses tinham profissões que poderiam contribuir de alguma forma com o crescimento da região.

Os cristãos novos portugueses ricos, mesmo com a perseguição inquisitorial continuaram, a manter sua religião viva de forma secreta, já que ser judeu e praticar o judaísmo era proibido. Alguns cristãos novos acabaram embarcando para a possessão portuguesa de além-mar recém “descoberta”, se fixando na região nordeste da possessão, os cristãos novos ajudaram começar um negócio que ajudou enriquecer não só quem estava nele diretamente, mas também a enriquecer a coroa portuguesa, que foi a produção açucareira. Esses cristãos novos que estavam em busca de tolerância levaram para a colônia as primeiras mudas da cana-de-açúcar e a tecnologia para poder processá-las.

Com ascensão de Felipe II ao trono português formando que ficou conhecido como União Ibérica, a intolerância se torna presente na América Portuguesa com a primeira visitação de um inquisidor a colônia, Felipe II fecha os portos da colônia para os neerlandeses antigos parceiros comerciais de Portugal que refinavam o açúcar da colônia portuguesa, e conheciam bem os negócios do açúcar. Revoltados com a

política de Felipe II, os neerlandeses criaram a Companhia das Índias Ocidentais para invadir a colônia Ibérica e dominar o negócio do açúcar.

A primeira invasão ocorreu no território da Capitania da Bahia, mas durou apenas um ano (1624-1625); a segunda invasão aconteceu a Pernambuco e durou exatamente vinte quatro anos, (1630-1654) a invasão neerlandesa trouxe consigo a tolerância religiosa que era pregada em terras neerlandesas para a colônia. Em 1637 a tolerância religiosa ganhou um forte aliado João Maurício de Nassau-Siegen homem que havia sido escolhido pela WIC pra governar o colônia neerlandesa na América, conhecido por ser um homem que presava pelo diálogo Nassau, se tornou amigo de cristão novos que agora podiam praticar sua fé original sem medo da perseguição inquisitorial apesar de alguns continuarem como cristão novos, e da queles que voltaram ao judaísmo, atraindo inclusive a presença de vários judeus que viviam nos Países Baixos, o que incluem judeus ricos que foram atraídos por algo além da tolerância, as possibilidades de fazer comércio na possessão.

O presente trabalho objetivou ressaltar a importância de conhecer mais sobre a história da América Portuguesa, da América Holandesa, trazendo como temática central a intolerância contra grupos minoritários, intolerância essa que é nociva para que uma sociedade consiga se desenvolver de forma plena, e como o fator econômico ameniza a intolerância mais não impede que ela aconteça. Acredito que a discussão proposta pelo texto esteja longe de terminar, não só no Brasil como no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOXER, Charles R. **Os holandeses no Brasil (1624-1654)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BETHENCOURT, Francisco. **História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FEITLER, Bruno. Gentes da Nação: judeus e cristãos-novos no Brasil holandês. In: **Os Judeus no Brasil**, org. GRINBERG, Keila, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GRINBERG, Keila. (Org.). **Os Judeus no Brasil - Inquisição, Imigração e Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HEIJER, Henk den. **Diretores, Stadhouderes e conselhos de administração**. In: **O Brasil em arquivos neerlandeses (1624—1640)** WIESEBRON, Marianne L. (ed): Research School CNWS Leiden, The Netherlands, 2005

KAYSERLING, Meyer. **História dos Judeus em Portugal**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

LEWIN, Helena. (Org). **Identidade e Cidadania: como se expressa o Judaísmo Brasileiro**. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

MARQUES, Guida. **O Estado Do Brasil Na União Ibérica: Dinâmicas Políticas No Brasil No Tempo De Filipe II De Portugal**. Penélope: revista de história e ciências sociais, N°. 27, págs. 7-36, 2002.

MELLO, Evaldo Cabral. **O Brasil holandês (1630-1654)**. São Paulo: Pínguin Classics, 2010.

MENESES, Jost Newton Coelho. **VARIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte, nº 15, Mar/96, p.193-204. Resenha da obra de: FRAGOSO, Joao Luis Ribeiro, Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830), Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1992. 324 p.

MOTT, Luiz. **Bahia: inquisição & sociedade** - Salvador: EDUFBA, 2010.

NOVINSKY, Anita Waingort. **A Inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Tudo é História, 49).

NOVINSKY, Anita Waingort. (Et Al) (Daniela Levy; Eneida Ribeiro; Lina Gorestein.) **Os judeus que construíram o Brasil**. São Paulo: Planeta, 2015.

PRADO, Caio. **Evolução Política Do Brasil: Colônia e Império**. São Paulo: Brasiliense, 1933.

RIBEIRO, Orlando. **A Formação de Portugal**. Editora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa de Publicações. 1ª.ed. Portugal, 1987

SANTOS, JH. **Existentes, mas não cidadãos: o status jurídico dos judeus no Brasil Holandês (1630-1654)**. In LEWIN, H., coord. Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 47-67.

SCHEIBEIN, Cássia. **OS Sefarditas de Belém do Pará: História e Língua. Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, Belo horizonte, v 14, p.65-80, dezembro de 2009, junho Disponível:<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/166>

SIQUEIRA, Sonia Aparecida. **O comerciante João Nunes**. In: Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH, 5º, 1969. Campinas

VAINFAS, Ronaldo (dir.) **Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)**, São Paulo: Objetiva, 2000.

WIZNITZER, Arnold. **Os Judeus no Brasil Colonial**. São Paulo: Pioneira, 1966.

ANEXOS

1. DELFF, Willem Jacobsz. **Retrato de João Maurício**, Conde de Nassau e Governador do Brasil.1637. 1 gravura: pb; 42,5 x 29,8 cm em papel 43,2 x 30. Disponível<<https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2015/01/a-companhia-das-indias-ocidentais-da.html?m=1>>. Acessado dia 22 de maio.2021.



2. Bandeira: ADDIS, Cameron. 5 British Chesapeake & New Netherland. History Hub, 2021 <<http://sites.austincc.edu/caddis/chesapeake-new-york/>> 31/05/2021

